

Convergência entre Engenharia de Produção e o mercado financeiro no Brasil: muito além da formação acadêmica

João Carlos Saran¹, Thaís Joi Martins², Júlio César Donadone³

1. Estudante de Iniciação Científica do departamento de Engenharia de Produção da UFSCAR; *joaocarlossaran@gmail.com
2. Co orientadora e doutoranda em Ciências Políticas vinculada ao Núcleo de Estudos em Sociologia Econômica e Finanças (NESEFI) da UFSCAR
3. Orientador vinculado ao departamento de Engenharia de Produção da UFSCAR

Palavras Chave: *Sociologia Econômica, Finanças, Engenharia de Produção*

Introdução

O trabalho procura entender a inserção de engenheiros de produção em diferentes instituições do mercado financeiro, levando em conta dois aspectos: o individual e o coletivo/histórico. Por um lado, vale-se das contribuições de Pierre Bordieu que, a partir de seus estudos sobre distinção, postula um conjunto de estratégias e ferramentas denominadas capitais (econômico, social e cultural, dentre outros). O uso desse referencial foi motivado pelo entendimento de que a base curricular associada ao curso não explica, sozinha, a aproximação entre a engenharia de produção e o mercado financeiro. Por outro lado, é importante levar em conta os elementos sociais e históricos, capazes de afetarem a movimentação desse campo.

Resultados e Discussão

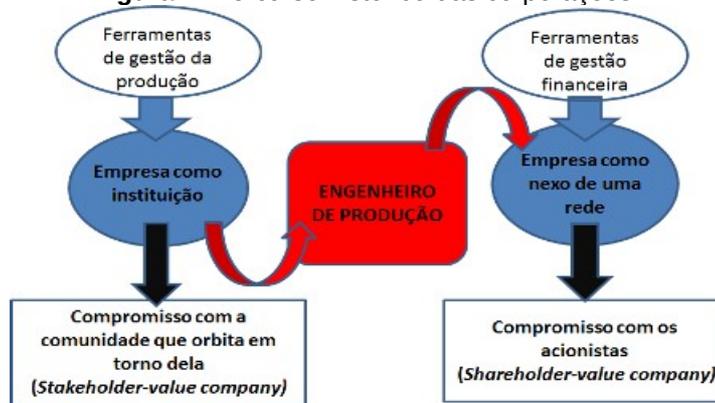
O trabalho baseou-se em entrevistas qualitativas, visando entender com profundidade dados quantitativos secundários de Martins (2015, p.5) sobre a trajetória de Engenheiros de Produção da Escola Politécnica da USP e da UFSCAR. A tabela abaixo sintetiza, com algumas falas selecionadas, as principais opiniões obtidas.

Tabela 1. Síntese dos resultados qualitativos

	Décadas 80-90	Décadas 90-00
Origem social da maior parte da turma	“Você estava perguntando da classe social dos meus colegas: classe média. Alguns poucos com mais dinheiro, mas, em geral, éramos uns <i>durangos</i> . (SIC)”	“Na minha leitura, a maior parte das pessoas da minha sala eram de classes sociais mais abastadas. Mas existia uma porção relevante de classe média e uma porção pequena (mas existia) de classe mais baixa.”
Carreira dos sonhos	“A meta era uma colocação em grande empresa na indústria. Esse era o sonho.”	“Os mais “idealistas”, que gostavam das disciplinas, queriam indústria. O pessoal mais desencanado, que estava na Poli pelo nome, sonhava com o mercado financeiro. E tinha um grupo no meio, cujo sonho era consultoria.”
Variáveis ligadas as escolhas da profissão	“De uma forma geral, as empresas estão exigindo muito dos funcionários para aumentar a produtividade. E estes alunos que estão saindo com este pique, os de classe alta, já estão viciados nisto...em produzir.”	“Porque a maioria da turma era abastada e a maioria foi para o mercado financeiro e consultoria, de forma que parece que houve uma concentração. Mas, na verdade, é só porque (...) o grupo que foi para mercado financeiro e consultoria representa mais ou menos a “população” da turma.”

Engenharia de Produção e o mercado financeiro	“A base matemática é essencial para esta área. Eu convivi com muitos administradores. Em geral, eles não são fortes em Matemática Financeira, engenharia econômica, o pensamento lógico.”	“O curso não nos prepara bem para o dia a dia do mercado financeiro. O pessoal chega estagiário, vai aprendendo, pega o jeito da coisa e aí continua. Mas não acho que ali estão as melhores mentes da teoria de finanças... pra mim, são as pessoas que se adequaram melhor naquele estilo de vida.”
--	---	---

Figura 1. Percurso histórico das corporações



Sobre o aspecto social e histórico, é razoável levantar a hipótese de que, no processo de reestruturação e privatização pelos quais passaram diversas empresas nacionais nos anos noventa, ferramentas financeiras de gestão empresarial desempenharam papel central. Essas ferramentas são oriundas de modernas “*business schools*” americanas, frequentadas pela elite nacional. Por isso, engenheiros de produção, os intermediários por excelência, podem ter ganhado espaço nesse campo. Todo esse fenômeno é parte de um processo histórico, ilustrado na figura acima.

Conclusões

Os resultados qualitativos apresentados concordam com resultados quantitativos secundários. O intuito é entender as maneiras pelas quais certos capitais culturais estão intimamente relacionados a meios e origens específicas, não sendo garantidos na academia. Curioso notar como os engenheiros de produção, formados por um currículo voltado para uma sociedade industrial fordista, atuaram em espaços decisivos para sua transformação em uma sociedade pós-fordista.

Agradecimentos

A Capes/PIBC, órgão de fomento desse trabalho.

DAVIS, Gerald F. **Managed by the markets: How finance re-shaped America.** New York: Oxford, 2009.

BORDIEU, P. **A distinção: Crítica social do Julgamento.** Brasil: Porto Alegre, 2006.

MARTINS, Thaís Joi. **Desejo, necessidade e realidade: Os marcadores culturais e econômicos e suas implicações ocupacionais para o grupo profissional de engenheiros de produção no Brasil.** 2015. 451 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências Políticas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015.

